

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades  
4 a 6 de agosto de 2014  
Universidade Federal do Espírito Santo.  
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

**Palavras entrelaçadas nas obras *o Beijo da palavrinha* de Mia Couto e *Ynari: a menina de cinco tranças* de Ondjaki**

Michelle Mittelstedt Devides<sup>1</sup>

Heloisa Helou Doca<sup>2</sup>

**Resumo**

Fundamentando-se nas contribuições teóricas da Literatura Comparada e Estudos Culturais e sua intrínseca relação, tem-se neste trabalho o intuito de evidenciar o entrelaçamento das narrativas de duas obras classificadas como Literatura Infantil do macro sistema de língua portuguesa: *O beijo da palavrinha*, do escritor moçambicano Mia Couto, e *Ynari: a menina de cinco tranças*, do angolano Ondjaki. Tem-se o intuito de apontar as relações intertextuais e destacar a importância da “palavra” na construção da narrativa desses autores, a fim de evidenciar a experiência sensorial proporcionada pela palavra e a possibilidade de revitalizar a linguagem.

**Palavras-chave:** Relações intertextuais. Palavra. Literatura-infantil.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras – Universidade de Marília-SP - UNIMAR; Professora de Língua e Literatura Portuguesa da ETEC Rodrigues de Abreu, Bauru-SP; e-mail para contato: michelledevides@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP; Docente do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Marília – UNIMAR.

## Breve percurso da Literatura Comparada

A Literatura Comparada tem o intuito de desvelar as vozes entrelaçadas nos textos, a fim de evidenciar o contexto histórico-cultural de cada povo. Considerada uma *disciplina indisciplinada*<sup>3</sup>, foi alvo de críticas, mas sofreu mudanças ao longo do tempo, principalmente ao aproximar-se de questões relativas à identidade nacional e cultural.

Mas apenas com a publicação do Relatório Bernheimer<sup>4</sup> é que foram apontados alguns parâmetros aos estudos e, de acordo com Doca (2011, p.189), o relatório possibilitou “uma abertura em relação à Literatura Comparada que se dissemina em campos como os da tradição literária; a partir de quando eu falo, de quais tradições e de quais contradições.”

A amplitude proporcionada pela Literatura Comparada também foi abordada por Coutinho (1996, p.73), ao definir que:

A Literatura Comparada é hoje (...) uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que ultrapassou o anseio totalizador de suas fases anteriores, e se erige como um diálogo transcultural, caledão na aceitação das diferenças.

Coutinho ao considerar a questão de um diálogo transcultural, evidencia a intrínseca relação com os estudos culturais, já que esse vasto campo trata de questões que revelam o significado de um modo de vida (CEVASCO, 2003, p.23).

Desta forma, considerando as profundas relações entre a Literatura Comparada e Estudos Culturais, tem-se neste trabalho o intuito de evidenciar as relações intertextuais e destacar a importância da “palavra” em duas obras do macro sistema de Língua Portuguesa. Classificadas como Literatura Infanto-Juvenil, são de autoria de importantes nomes da Literatura Moçambicana e Angolana. Da Literatura de Moçambique, Mia Couto trouxe uma valiosa contribuição com a publicação de *O beijo da palavrinha* em 2006. Da Literatura de

---

<sup>3</sup> De acordo com Doca (2011, p.185) este termo foi mencionado por Peter Brooks, professor de Humanidades e chefe do Departamento de Literatura Comparada, na Universidade de Yale (EUA), ao se referir à literatura comparada.

<sup>4</sup> Segundo Doca (2011, p.189) o Relatório Bernheimer foi publicado em 1995, no livro *Comparative Literature in the age of Multiculturalism*, editado por Charles Bernheimer.

Angola, a obra escolhida para essa análise é de Ondjaki, sob o título de *Ynari: a menina de cinco tranças*, publicada em 2010.

### **Algumas palavras sobre os autores**

Antônio Emílio Leite Couto, ou apenas Mia Couto, é natural da Província de Sofala, em Moçambique. Começou a escrever e publicar seus primeiros poemas ainda jovem, com apenas 14 anos, em sua terra natal. Pode se pensar que tenha sido influenciado apenas por seu pai, jornalista, no entanto, em entrevista concedida à professora Vera Maquêa em 2003, Mia relata que “minha mãe contava histórias cujo fascínio nos prendia todo o ser. Ela nos dava a possibilidade de encantamento por via da palavra, era nosso momento à beira da fogueira à noite.” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 193). Percebe-se então como a relação com as palavras tornou-se cada vez mais profunda e profícua.

Mia Couto olha para a Literatura infantil como Literatura, a magnitude do texto extrapola o leitor pré-definido pelo mercado editorial. Esse fato pode ser fundamentado pelas palavras de Bakhtin (2004, p.194) ao se referir à importância da palavra: “o signo é ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais.”

As narrativas desse autor moçambicano apresentam uma linguagem literária tocada pela oralidade e profundidade. Para Macedo e Maquêa (2007, p. 40),

Com uma escrita fortemente vinculada à terra, as obras de Mia Couto auxiliaram a inscrever um cenário do macrossistema das literaturas de língua portuguesa, os territórios das savanas e florestas do Moçambique interior, como paragens singulares de seu país, em um duplo movimento de regionalização e universalização, na medida em que, aspirando à universalidade, seus textos, ao mesmo tempo, prendem-se fortemente ao solo moçambicano.

Sendo assim, esse autor resgata por meio de sua literatura as profundas características de uma cultura, atingindo um grande número de leitores.

De acordo com a classificação estabelecida, enquadram-se na Literatura infantil as obras *O gato no escuro* (2002), *A chuva pasmada* (2004) e *O beijo da palavrinha* (2006).

Ondjaki é um jovem autor de Angola, nascido em 1977. O significado deste curioso pseudônimo, dado a ele pela avó, é guerreiro em *umbundo*, uma das línguas nacionais angolanas. Seu nome é Ndalú de Almeida. É membro da União dos Escritores Angolanos e é licenciado em Sociologia pela ISCT (Instituto Universitário de Lisboa), em Portugal.

Filho da independência conheceu a tradição literária de importantes autores como Pepetela, Manoel Rui e Luandino Vieira, por exemplo. Portanto, sofreu a influência de uma literatura engajada e crítica.

De forma geral, as obras de Ondjaki abordam a perspectiva da infância e ou da adolescência e evidenciam alguns resquícios do passado colonial e a vida na cidade de Angola. É possível perceber que as descobertas da infância são concomitantes ao sofrimento, pois ainda se vivenciam vícios coloniais.

Poeta e prosador é autor de inúmeras obras, contudo, classificam-se como publicações de literatura infantil as seguintes obras: *Ynari: a menina das cinco tranças* (2004), *O leão e o coelho saltitão* (2008), *o voo do Golfinho* (2009) e *Ombela, a origem das chuvas* (Prémio Caxinde do Conto Infantil, 2011)

Desse conjunto de publicações, a obra escolhida para análise a obra *Ynari: a menina de cinco tranças*.

### **A tessitura das obras *O beijo da palavrinha* (Mia Couto) e *Ynari: a menina de cinco tranças* (Ondjaki)**

A escolha dos livros destinados ao público infantil, já que são classificados em literatura infantil e infanto-juvenil, ocorre por dois principais motivos: Primeiramente as obras encantam o leitor pela beleza e cuidado com a tessitura do texto; em segundo lugar, as obras de literatura atingem não só o público infanto-juvenil, mas se utilizando de um universo fantástico e maravilhoso demonstram o contexto cultural de povos que tiveram a liberdade cerceada.

*O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, publicado em 2006, é um conto que faz parte da *Coleção Mama África*, ilustrado por Malangatana, premiado artista

plástico de Moçambique. De acordo com Cassano (2011), a *Coleção Mama África* tem por objetivo guardar a memória de textos recontados por autores comprometidos com a pluralidade cultural do seu país.

Mia Couto apresenta uma narrativa em que “a palavra escrita tem lugar marcado na representação de um universo que integra uma cultura de tradição oral e formas diversas de escrita” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p.68-68).

Mia, então, mostra ao mundo a história de Maria Poeirinha, uma menina que queria ver o mar, mas acaba sendo beijada por ele.

A história se passa em uma aldeia pobre e distante do mar, onde moravam a menina Maria Poeirinha, que sonhava em conhecer o mar, seu irmão Zeca Zonzo, desprovido de juízo, e seus pais. Nesse contexto, chega a essa aldeia do interior o tio da menina, Jaime Litorâneo, o qual fica entristecido em ver a situação de seus familiares. Maria adoece, aproxima-se da morte e Jaime Litorâneo aconselha a família de que somente o Mar poderia curá-la. Porém, a menina já não resistiria à viagem. Para atender ao desejo da irmã de conhecer o mar, Zeca Zonzo, surpreendendo a todos, escreve em um pedaço de papel a palavra MAR e faz com que Maria passe seus dedos magros por cada letrinha.

Maria ouvindo a descrição de Zeca sobre cada letra vai sendo tomada pela palavra, pelas sensações e é beijada pelo mar, se afogando numa palavrinha.

Nesse contexto, a infância é retomada pelas descobertas de um mundo novo e ao mesmo tempo pela dor e sofrimento. A metáfora final, em que a menina é beijada e se afoga, pode evidenciar a morte, mas dentro de um contexto africano faz parte da concepção de mundo, que de acordo com Bergamin (2009, p. 78)

predomina, na concepção africana de mundo, uma visão que pressupõe um equilíbrio natural entre as fases da vida e a ancestralidade. Esse equilíbrio garante ao ser humano força e sabedoria para poder viver e, também morrer bem.

É através da palavra que se configura a ideia de força, cura e libertação.

A descrição de Zeca Zonzo sobre cada letra evidencia o encontro da personagem Maria Poeirinha com o seu sonho. A letra M, descrita pela personagem Zeca significa “vagas, líquidas linhas que sobem e descem” (COUTO, 2006, p.20); a letra A “é uma ave, uma gaivota pousada nela própria,

enrodilhada perante a brisa fria.” (COUTO, 2006, p. 20); por fim, a letra R, “é uma letra tirada da pedra. É o ‘r’ da rocha.” (COUTO, 2006, p.23).

Ao sentir a força da palavra, a personagem realiza o sonho tão almejado, mesmo sendo o encontro entre as duas margens da existência – vida e morte (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 43).

[...] parece-nos que a cosmogonia africana poderia vir em nosso auxílio, na medida em que a concepção de força vital presente em todos os seres e que não se extingue com a morte, antes ganha uma nova maneira de ser, permite que o mundo dos mortos e dos vivos tenha comunicação. (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 43).

A obra de Ondjaki, *Ynari: a menina de cinco tranças*, a primeira publicação classificada ao público infantil, com ilustrações da brasileira Joana Lira, foi a publicado em 2010 pela Companhia das Letrinhas no Brasil.

Trata da história de uma menina que morava com sua família – mãe, pai, avó e seu povo - em uma aldeia distante. Esta menina tinha nascido com cinco tranças e esperava o momento certo de descobrir o motivo desse fato curioso.

Certo dia ela conhece à beira de um rio um homem pequenino, o qual pertencia à outra aldeia, localizada na nascente do rio. Juntos vão realizando várias descobertas, inclusive o porquê das cinco tranças de Ynari.

Cada encontro dos dois personagens é permeado pela descoberta e força do significado das palavras. São elas que possibilitam à Ynari compreender sua missão. Para isso, Ynari conhece dois personagens que a ajudam: o homem velho muito velho, que inventa as palavras, e a mulher velha muito velha, que destrói as palavras. Ambos pertencem à aldeia do homem pequenino e através de um ritual, oferecem uma palavra a Ynari, “permuta”. Assim, Ynari entenderia sua missão.

A menina e seu amigo pequenino decidem utilizar a palavra “permuta” para conseguir a palavra “paz”. Saem visitando outras aldeias que estavam em guerra. A cada aldeia por onde passavam, descobriam o motivo pelo qual os povos guerreavam. Para cada um deles faltava uma palavra: ouvir, falar, ver, cheirar e saborear. Em cada aldeia, Ynari oferecia uma de suas tranças e realizava permutas através de um ritual, oferecendo ao povo o que lhe faltava em troca de

paz. A força das palavras possibilitou a paz e a união entre povos diferentes, evidenciando que o discurso pode solucionar conflitos.

Confirma-se na obra de Ondjaki a riqueza de significados que a compõe, que remetem aos valores de um povo.

A personagem Ynari assume uma função importante na construção da narrativa, pois é a responsável em levar a palavra adequada a cada povo, mostrando sua importância. Em cada aldeia que visita, percebe quais são as necessidades daquele povo e através de um ritual utiliza suas tranças para, que de forma mágica, a situação se transforme.

O que chama a atenção à personagem é o poder de suas tranças é que ela vai se apropriando do conhecimento e entendendo o poder das palavras. Durante a narrativa, são conhecidos dois personagens de muita importância para Ynari, que causam nela muita curiosidade e respeito. São eles que a ajudam a entender sua missão. É um casal de idosos, da aldeia do homem pequenino. A anciã – Velha muito velha – que destruía as palavras e o ancião Velho muito velho que inventa as palavras. A personagem Ynari foi entendendo a força vital que as palavras têm. Para Muraro (2010, p. 6 - 7)

a experiência da linguagem é muito mais presente do que a própria magia buscada pela menina, isto é, estes personagens têm o discernimento, são guardiões de tradições calcadas pelo tempo para reger a atividade mnêmica do grupo: ensinando.

### **Entrelaçando as obras**

Há possíveis relações de diálogo entre as obras de Mia Couto e Ondjaki, do ponto de vista estrutural, pois ambos os textos iniciam como contos tradicionais de modelo europeu, resgatando “Era uma vez...” assim, percebemos a questão da intertextualidade, pautando-se nos na teoria de Kristeva e a questão da paródia de Linda Hutcheon. De acordo com Silva (2006, p.16):

A teoria de intertextualidade, de Kristeva, enfatiza a natureza crítica do processo de produção textual. São três as premissas que fundamentam a teoria do texto: a primeira é a de que a linguagem poética é a única infinitude do código; a segunda é a de que o texto literário é duplo: escritura / leitura; e a terceira é a de que o texto literário é um feixe de conexões. Portanto, para Kristeva, o texto é um diálogo de várias escrituras.

Para Hutcheon, segundo Silva (2006, p.85) “A paródia é uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado.” A paródia opera por uma diferenciação no seu relacionamento com o seu modelo, por isso é transformadora.

Sendo assim, é possível reconhecer que ambas as histórias remetem, de certa forma, a histórias de conto de fadas, apresentando personagens femininos que alimentam sonhos e curiosidade em relação ao mundo que as cerca. Elas aprendem a enfrentar o mundo em que vivem. As personagens são construídas a partir da infância; vivem em aldeias e lutam pelos sonhos. A principal “arma” da qual dispõe é a palavra. No entanto, não há, como nos contos de fadas de modelo europeu, a figura do herói que as salva de um conflito. As próprias personagens são responsáveis por enfrentar as situações conflitantes. Ambas atingem o objetivo no final da narrativa: Maria Poeirinha conhece o mar, mesmo sendo em um encontro com a morte; Ynari descobre o motivo de ter nascido com cinco tranças, para mostrar a paz entre os povos.

Outro elemento importante que é mencionado nas obras é a aldeia que representa o espaço coletivo das manifestações culturais de um povo. Mesmo havendo diferenças nas características das aldeias das obras analisadas, o contexto cultural pós-colonialista é observado, tanto em *O beijo da palavrinha*, representando a miséria de um povo e as dificuldades de sobreviver, quanto em *Ynari*, que mesmo descrevendo a beleza do lugar, as aldeias ainda viviam em conflito. Sabe-se que mesmo depois da independência de 1975, houve inúmeros conflitos nos países de Angola e Moçambique, impossibilitando à reestruturação rápida de países tão devastados pelo sistema colonial.

A tessitura da narrativa oferece ao leitor a possibilidade de perceber a força do discurso, a importância das palavras nas obras analisadas, representando não só uma forma de poder, mas também de resistência.

Baseando-se no conceito de resistência de Alfredo Bosi, Rodrigues (2013, p.93) afirma que a palavra não apresenta apenas somente o poder criador, mas podemos observar que algumas vezes instaura-se na criação de personagens.

## Alinhavos preliminares

Os autores Mia Couto e Ondjaki, por meio da construção das personagens Maria Poeirinha e Ynari, utilizaram a força vital das palavras para enfrentar situações presentes no contexto cultural de um povo, como a pobreza em *O beijo da palavrinha* e os conflitos sociais em *Ynari: a menina de cinco tranças*. A palavra é transformadora. Para Maria Poeirinha proporcionou uma experiência típica da cosmovisão africana, pois “dentro de uma perspectiva animista, a morte não significa o fim de uma pessoa, pois toda vez que um ensinamento de um ancestral é repetido por um ancião a um jovem, ocorre um equilíbrio das forças vitais.” (BERGAMIM, 2009, p.77).

A palavra possibilitou esse ensinamento; o contato com a palavra trouxe essa experiência.

Para Ynari, também houve um ensinamento, ela o recebeu e o repassou, em uma visão cíclica capaz de manter a tradição de um povo pela palavra de maneira que pode despertar uma experiência sinestésica.

Para Bakhtin e Volochinov (2004, p.41)

Não é tanto a pureza semiótica da palavra que nos interessa na relação em questão [...] mas sua ubiquidade social. Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações de caráter político, etc [...] A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo aquelas que apenas despontam, que ainda não abriram caminhos para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

A experiência sensorial proporcionada pela palavra em ambos os livros equivale a força e beleza da palavra, revitalizando a linguagem, rompendo paradigmas e (re)criando significados.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004[1929].

BERGAMIM, Claudia R.. O beijo da palavrinha: um conto mágico à luz da cosmovisão africana. In **Revista Versão Beta**: sob o signo da palavra. UFSCAR, vol. 52, 2009. Disponível em: [www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/86/40](http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/86/40). Acesso em 30 de novembro de 2013.

CASSANO, Maria da Graça. Era uma vez uma menina que nunca vira o mar... quando a tradição oral se deixa recriar pela palavra escrita. In **Revista Científica Semioses**, 8 ed., 2011. Disponível em: <[pl.unisuam.edu.br/semioses/index.php?option=com\\_content&view](http://pl.unisuam.edu.br/semioses/index.php?option=com_content&view)>. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada, literaturas nacionais e o questionamento do Cânone**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Nº 3 ABRALIC, p. 67 e 73.

COUTO, Mia. **O beijo da palavrinha**. Ilustrações: Malangatana. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. Coleção Mama África.

DOCA, Heloisa Helou. **Literatura Comparada, Multiculturalismo e Estudos Culturais**. In: Comunicação: Veredas, nº 11, São Paulo. Editora UNIMAR, Arte & Ciência, p. 183 a 204.

MACEDO, Tânia. MAQUÊA, Vera. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. Coleção Literaturas de Língua Portuguesa: org. Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, v. 5)

MURARO, Andrea Cristina. Ynari, à luz dos mínimos. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre – Vol. 06 N. 01 – jan/jun 2010. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/13410/10330>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

RODRIGUES, Luziane P. S..O poder da palavra: a resistência como forma imanente da escrita. In **Revista Philologus**, Ano 19, Nº 56. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2013. Disponível em:<[www.filologia.org.br/revista/56/07.pdf](http://www.filologia.org.br/revista/56/07.pdf)>. Acesso em: 07 de dezembro de 2013.

SILVA, Avani Souza. **Guimarães rosa e Mia Couto: Ecos do Imaginário Infantil**. São Paulo, 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura Portuguesa). Universidade de São Paulo.

ONDJAKI. **Ynari: a menina de cinco tranças**. Ilustrações: Joana Lira. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.